



**Texto para Discussão 009 | 2020**

***Discussion Paper 009 | 2020***

## **Alguns elementos de reflexão sobre a inserção na economia mundial da América latina no pós crise 2007/8**

**Alexis Saludjian**

*Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro  
saludjian@ie.ufrj.br*

This paper can be downloaded without charge from

<http://www.ie.ufrj.br/index.php/index-publicacoes/textos-para-discussao>

# **Alguns elementos de reflexão sobre a inserção na economia mundial da América latina no pós crise 2007/8**

Junho, 2020

**Alexis Saludjian**

*Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro  
saludjian@ie.ufrj.br*

## Introdução

A eleição de D. Trump, a saída do Reino Unido da União Europeia, a redução do crescimento chinês e o “Novo Normal” (antes da crise do COVID19), a volta de políticas de austeridade neoliberais (Argentina e Brasil entre outros) se assemelham a um cenário com consequências catastróficas para os povos e a classe trabalhadora mundial. Nessa crise, as respostas e a orientação dos debates em torno das estratégias de desenvolvimento e inserção na economia mundial merecem ser discutidas de maneira crítica mostrando a heterogeneidade e hierarquia entre países que definem o rumo da acumulação capitalista e os que são dependentes das estratégias de tais países.

Países do Centro (EUA, Reino Unido, países europeus com ideias nacionalistas e xenófobas) estão promovendo medidas protecionistas num cenário de desglobalização (redução significativa dos fluxos de exportações). Enquanto isso, países da periferia e em particular de América latina, continuam promovendo uma inserção na economia mundial através de uma maior liberalização.

Grande parte das teorias econômicas (sejam elas mais ou menos ortodoxas) que promovem o protecionismo (do Centro) e pro-livre comércio (da Periferia) parecem se opor frontalmente.

Um artigo publicado pelo *The Economist* (The inteligente Unit, 2017) defende que há espaço para mudanças. O campo liberal, tal como no período do Pós – CW (KUCZYNSKI, 2003) aproveita as crises (depois de promovê-las ) para advogar por mais medidas liberais.

Porém, outras saídas existem e uma apresentação crítica das estratégias diferenciadas e da dependência (na dinâmica da acumulação capitalista) se faz necessário. Num cenário marcado pela crise decorrente do tipo de modelo de desenvolvimento (e de sociedade) e, a partir do início de 2020, pela pandemia ligada ao COVID19 (seus impactos sanitários, econômicos, mas também políticos), tratar do cenário mundial da economia mundial pós-crise de 2008 é essencial. O presente artigo objetiva discutir essa questão.

O artigo proposta tentará caracterizar: 1) as políticas neo-protecionistas dos países do Centro; 2) as políticas liberais e pro-livre comércio dos países da Periferia. Com base a esses elementos, algumas conclusões sobre o caráter dependente da acumulação de América Latina serão apresentadas.

# 1 O cenário da crise: desglobalização e o “Novo Normal”

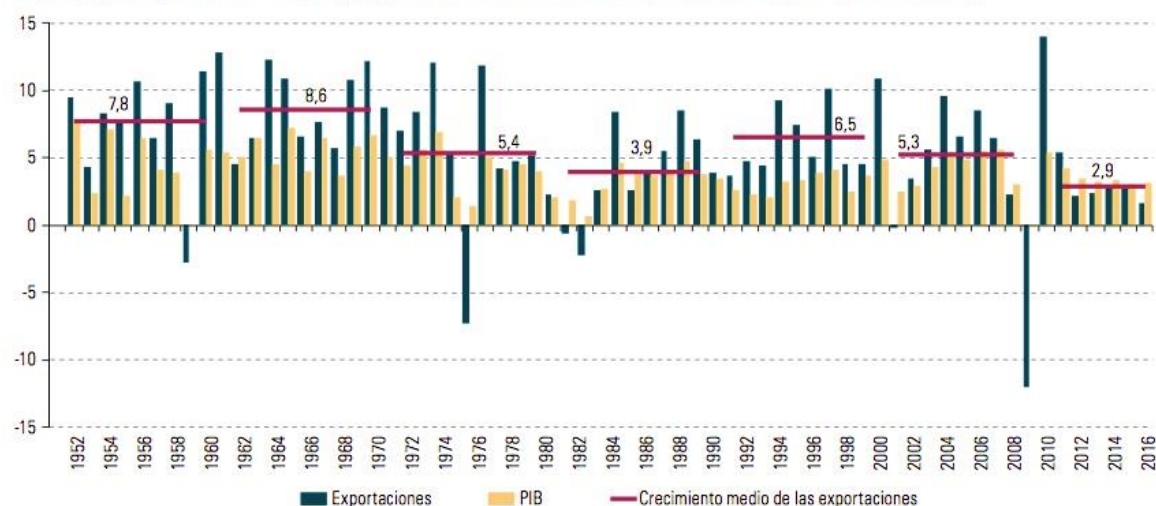
## 1.1 Desglobalização

Desde a crise de 2007/2008, a variação do volume de exportações de bens sofreu uma contração histórica (ver gráfico I.3 da CEPAL 2017).

Gráfico I.3

Variación del volumen de exportaciones de bienes y del PIB mundiales, 1952-2016<sup>a</sup>  
(En porcentajes)

El producto y el comercio mundiales se desaceleran marcadamente tras la crisis



Fuente: Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), sobre la base de datos de Organización Mundial del Comercio (OMC) y Fondo Monetario Internacional (FMI).  
<sup>a</sup> Las cifras de 2016 son proyecciones.

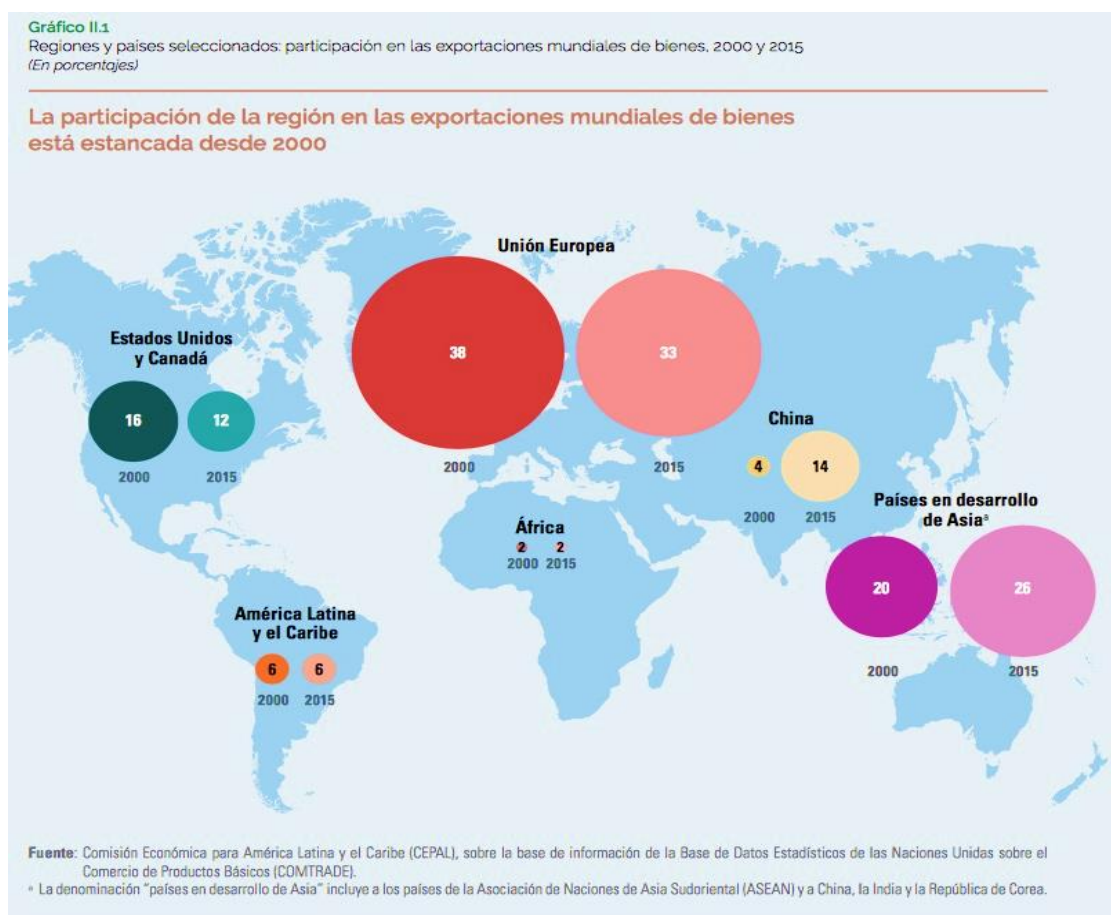
Se olharmos no período de 1952-2016, o período desde 2012 é o período como a menor taxa de variação do volume das exportações (2,9%). Essa tendência à redução da variação das exportações já aparecia no início dos anos 2000 (5,3%) e fica clara para o comércio mundial desde 2011/2012.

A variação das taxas de PIB também ficou fortemente afetada no pós-crise.

Nesse cenário caracterizado pela falta de dinamismo da economia mundial e do retrocesso das exportações mundiais, analisaremos a seguir como os diferentes países ou grupos de países reformularam suas estratégias de desenvolvimento e inserção na economia mundial.

## 1.2 China, BRI e o “Novo Normal”

Muito já foi escrito e discutido sobre o papel fundamental da China desde os anos 2000 na dinâmica da acumulação à escala mundial (ver gráficos II.1 e I.16). A participação da China nas exportações mundiais passou de 4 a 14% entre 2000 e 2015. Os países da Ásia em desenvolvimento passaram a representar de 20 a 26 % no mesmo período. África e América latina e Caribe não modificaram as suas participações, 2 e 6% respectivamente. Como veremos nas partes 1.3 e 1.4 desse trabalho, as únicas regiões/ países que perderam participação nas exportações mundiais de bens são Estados Unidos (16 a 12%) e União Europeia (38 a 33%). A diferença entre ganhadores e perdedores tem consequências importantes sobre as respostas discutidas para definir novas estratégias.



Nesse cenário de crise desde 2007/2008, as respostas e propostas em termos de políticas pro-livre comércio da China no marco do “NOVO NORMAL” (baixo crescimento/acumulação e retrocesso nos fluxos de comércio mundial) merecem ser

destacadas. No discurso do presidente chinês Xi Jinping em Davos em janeiro de 2017, indicou claramente a estratégia chinesa:

**“This is a path of pursuing common development through opening-up.** China is committed to a fundamental policy of opening-up and pursues a win-win opening-up strategy. China’s development is both domestic and external oriented; while developing itself, China also shares more of its development outcomes with other countries and peoples. (...) **China will vigorously foster an external environment of opening-up for common development.** We will advance the building of the Free Trade Area of the Asia Pacific and negotiations of the Regional Comprehensive Economic Partnership to form a global network of free trade arrangements. China stands for concluding open, transparent and win-win regional free trade arrangements and opposes forming exclusive groups that are fragmented in nature. China has no intention to boost its trade competitiveness by devaluing the RMB, still less will it launch a currency war.” ( <https://www.weforum.org/agenda/2017/01/full-text-of-xi-jinping-keynote-at-the-world-economic-forum>)

A promoção do livre-comércio como estratégia de desenvolvimento e inserção na economia mundial é claramente exposta pelo presidente chinês. A exposição dessa visão foi realizada na mesma conferência em que o novo presidente dos Estados Unidos D. Trump fez uma das suas primeiras intervenções sobre a estratégia de desenvolvimento e de inserção na economia mundial. O contraste entre as duas intervenções e estratégias é claro como veremos na seção a seguir.

### 1.3 EUA

Ponto inicial da crise de 2007/2008 com a crise dos sub-prime, a economia dos Estados Unidos sofreu um impacto forte e a situação econômica ficou muito deteriorada ( PIB, emprego/ subemprego). A eleição no final de 2016 e a posse em 20 de janeiro de 2017 do novo presidente D. Trump teve um impacto significativo sobre a economia mundial. Os temas prediletos durante a campanha (“*Make America Great Again*”) foram rapidamente

implementados: protecionismo comercial ( contra China), protecionismo migratório ( Decreto anti-Islâmico e discussão sobre o muro entre EUA e México ), protecionismo fiscal, multas para multinacionais norte americanas que deslocalizam, assim como a renegociação do acordo do NAFTA.

Protecionismo para dentro e liberalismo para fora podem caracterizar a estratégia dos Estados Unidos durante a administração Trump e entram em oposição com a postura abertamente pro livre-comércio da China.

O outro player global na dinâmica da acumulação mundial, a União Europeias, também passou por mudanças importantes nesse cenário de “Novo Normal”.

#### 1.4 UE

Sem capacidade de gerar forte crescimento há décadas , com desemprego e sub- emprego atingindo recorde depois da crise de 2007/2008, com forte heterogeneidade após o alargamentos dos anos 2000 e graves crises econômicas, políticas e sociais nos países como Grécia, Espanha,Portugal, Itália, o resultado do referendun no Reino Unido teve consequências profundas sobre a estratégia de desenvolvimento da União Europeia. O voto a favor do *Brexit* em 2016, foi promovido pela situação do emprego e sub-emprego, os debates xenófobos contra a imigração e da promoção de uma estratégia autônoma de acordos pro livre-comercio. Medidas favoráveis ao protecionismo e nacionalistas são debatidas e ao mesmo tempo que uma estratégia de assinar novos acordos comerciais é apresentada ( nova parceria com EUA, com UE pós-Brexit, Ásia).

No Caso do Acordo UE-Canada (CETA<sup>1</sup>), acordo de liberalização comercial negociado desde o final da década de 2000 e assinado entre a Comissão da UE e Canada em 2014 precisou passar pela aprovação dos 28 Estados da União Europeia e deu lugar a um episódio significativo dessa nova fase de desglobalização e de crítica da abertura

---

1 Ver [http://ec.europa.eu/trade/policy/in-focus/ceta/index\\_en.htm](http://ec.europa.eu/trade/policy/in-focus/ceta/index_en.htm)



comercial. Durante a fase de aprovação dos diferentes países da UE, o Parlamento Regional de Valónia (região francófono de Bélgica) bloqueou (temporariamente) no final de 2016 a aprovação pela Bélgica (países federal) – e assim de toda a UE - do acordo. A rejeição do acordo pelo Parlamento de Valónia se devia às preocupações sobre as proteção das condições de trabalho dos trabalhadores Belgas e europeus e as normas de proteção ao meio-ambiente após a assinatura desse acordo. Só após novas negociações e muita pressões por parte da Comissão Europeia sobre Bélgica e o Parlamento Regional de Valónia, o acordo UE-Canada foi assinado e já está sendo implementado desde setembro de 2017. Ainda sobre o acordo CETA, França, recentemente (outubro 2017) ameaçou incluir um “veto meio-ambiental” em caso de não cumprimento das normas ambientais no marco do Acordo.

Nesse ambiente crítico à globalização (pelo menos no marco das trocas comerciais e dos acordos comerciais), Alemanha tem uma forte influência sobre os rumos da estratégia de desenvolvimento da União Europeia via a política do Banco Central Europeu, uma política agressiva de competitividade via preço da força de trabalho (acordos Hartz ), a promoção do *ordoliberalismo* ( ver Durand, 2013) e a adoção de uma postura sub-imperialista na Europa inteira através da imposição de políticas de austeridade. Essa posição de Alemanha teve consequências particularmente brutais e graves nos países já frágeis economicamente e castigados para “ dar o exemplo” (ver o trabalho de X. Montoro, 2014).

França, sem crescimento e com um elevado desemprego, terminou se submetendo à austeridade promovida pelo ordoliberalismo da Alemanha.

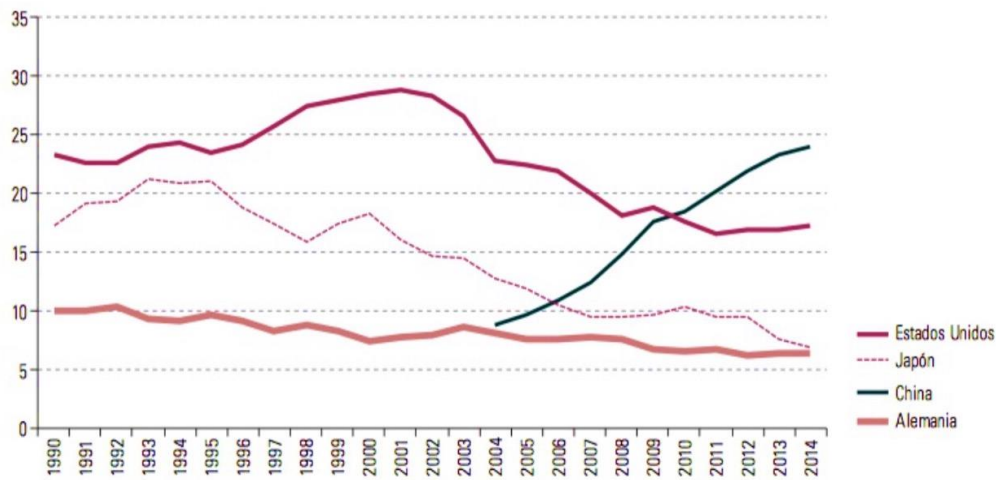
Recentemente, no marco do G20 em Julho 2017, EUA e França concordaram em autorizar medidas protecionistas principalmente contra as medidas de *dumping social* da China deixando evidente a tensão que existe entre as estratégias da UE e EUA por um lado e China por outro lado.

Essa União Europeia liberal, sem crescimento, com alto desemprego fica refém da estratégia de austeridade impulsionada pela Alemanha e abre espaço para uma reação nacionalista, xenófoba e alta perigosa social e politicamente.

### Gráfico I.16

Países seleccionados: participación en la producción manufacturera mundial, 1990-2014  
(En porcentajes)

#### En una década, China se transformó en el principal productor industrial del mundo



Fuente: Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), sobre la base de datos de Naciones Unidas, National Accounts Main Aggregates Database [en línea] <http://unstats.un.org/unsd/snaama/Introduction.asp>.

A parte a seguir discutirá o impacto de essas estratégias dos países capitalistas mais desenvolvidos sobre as estratégias na América latina.

## 2 Impacto sobre América Latina e estratégias de desenvolvimento

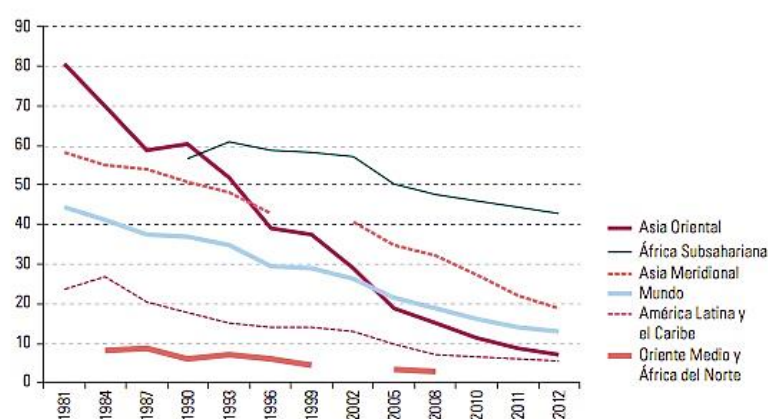
### 2.1 O fim dos governos progressistas e da época de bonança

Apesar da apresentação a-crítica (pela legitimidade adequaria pela redução da pobreza ver gráfico I.25) do ciclo econômico e político na América latina a partir de 2003, já se há escrito com um enfoque crítico (obre as estratégias de desenvolvimento) sobre os governos progressistas na América Latina (Elias, 2006).

Gráfico I.25

Tasas de pobreza extrema, 1981-2012  
(En porcentajes de la población con ingresos inferiores a 1,9 dólares diarios<sup>a</sup>)

La reducción de la pobreza mundial es generalizada y especialmente fuerte en Asia Oriental



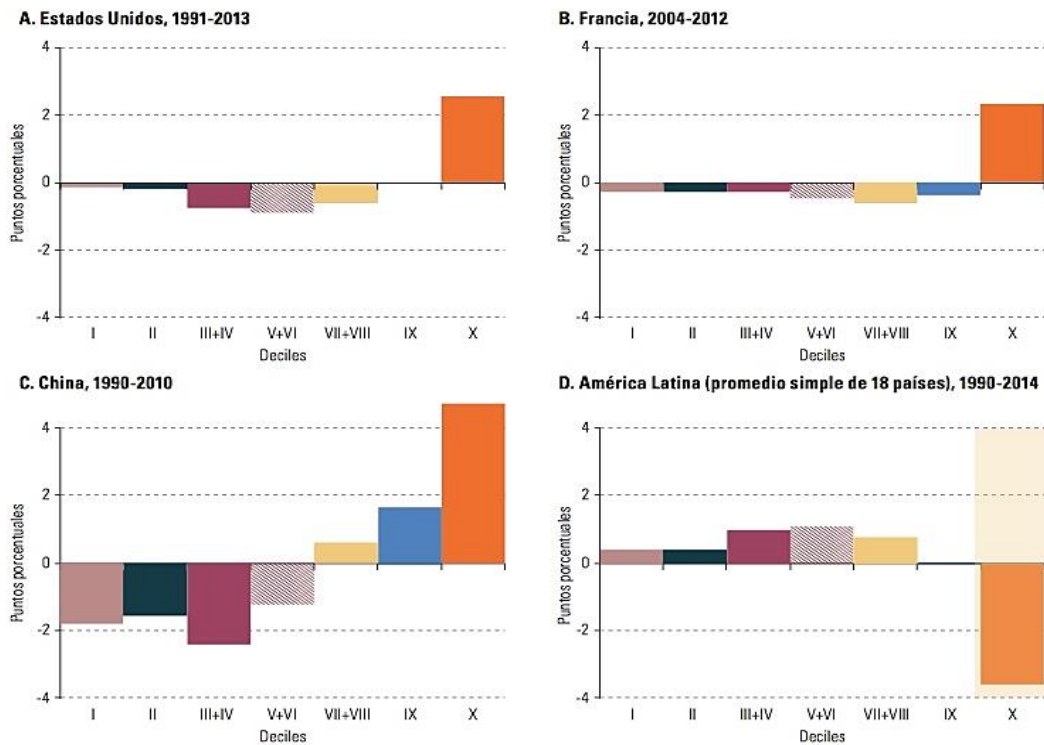
Fuente: Comisión Económica para América Latina y el Caribe [CEPAL], sobre la base de datos de Banco Mundial, World Development Indicators

<sup>a</sup> Calculados en paridad del poder adquisitivo.

El análisis anterior se puede complementar midiendo el cambio de la distribución del ingreso por decil dentro de cada país. El gráfico 1.28 presenta dichas variaciones desde 1990 hasta los primeros años de la presente década en China, los Estados Unidos, Francia y la propia región y, por lo tanto, incorpora los impactos de la crisis mundial. El patrón que se observa en los casos de los Estados Unidos y Francia<sup>18</sup> es muy similar: solo el decil más rico mejora su posición relativa, mientras que todos los otros pierden posiciones o se estancan. La dinámica en China es similar, aunque la polarización es menos marcada. El último decil es el que más gana, pero a partir del séptimo ya se observa un crecimiento de la participación en el ingreso total. En el mismo período, América Latina muestra un patrón diferente de los tres casos anteriores. Ganaron participación en el ingreso total los nueve deciles más pobres, especialmente los deciles 5, 6 y 8, y solo perdió participación el 10% más rico (casi 4 puntos porcentuales). Aunque los dos deciles más pobres son los que más aumentan su ingreso en términos porcentuales, su participación en el ingreso total crece poco debido a que representan una fracción baja de este.

**Gráfico 1.28**  
Países y regiones seleccionados: cambio de la distribución del ingreso por decil (En puntos porcentuales)

**Entre 1990 y 2014 la región experimentó un proceso de redistribución del ingreso**

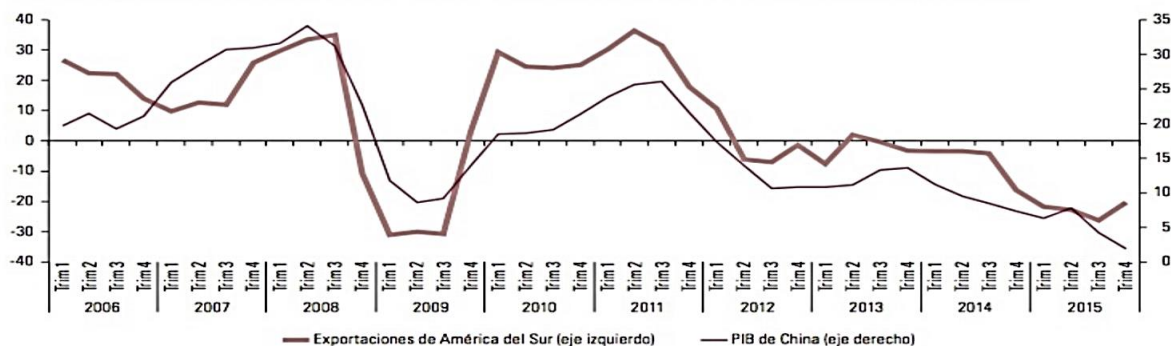


Fuente: Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), sobre la base de datos de Banco Mundial, World Development Indicators para China, los Estados Unidos y Francia, y CEPALStat para América Latina, encuestas de hogares de áreas urbanas.

O fim do *commodities super cycle* e do efeito China ( ver gráfico I.19) , decisões de políticas internas a favor da austeridade e modificações de governantes de maneira às vezes pouco democrática ( Brasil, Paraguai) levou a uma transformação de tendências estruturais que a demanda chinesa terminava escondendo.

**Gráfico I.19**  
Variación interanual de las exportaciones totales de América del Sur y del PIB de China, 2006-2015  
(En porcentajes, a precios corrientes)

**Las exportaciones sudamericanas muestran una fuerte correlación con el PIB chino**

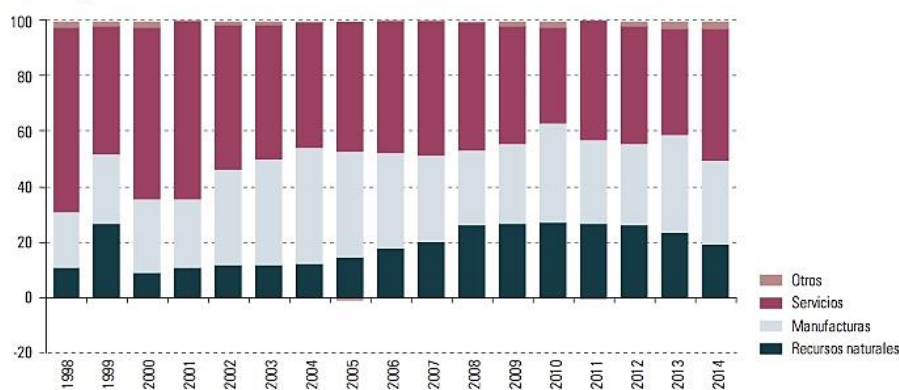


**Fuente:** Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), sobre la base de datos de la Organización Mundial del Comercio (OMC) y la Oficina Nacional de Estadísticas de China.

Não houve transformação estrutural ao longo do período 1998-2014 apesar do crescimento econômico e de uma relativa estabilidade política (ver gráfico II.11).

**Gráfico II.11**  
América Latina y el Caribe  
(países seleccionados)<sup>a</sup>:  
ingresos de IED por sector,  
1998-2014  
(En porcentajes)

**La bonanza de las materias primas no ha alterado fundamentalmente la composición sectorial de la IED recibida por la región**



**Fuente:** Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), sobre la base de información oficial de los países.  
<sup>a</sup> Se incluye información de: Argentina, Bolivia (Estado Plurinacional de), Brasil, Chile, Colombia, Costa Rica, Ecuador, El Salvador, Guyana, Honduras, México, Nicaragua, Panamá, República Dominicana y Trinidad y Tabago.

Os acordos entre frações de classes a favor do neo ou novo -desenvolvimentismo foram profundamente afetados pelo novo cenário. A redução da taxa de rentabilidade ( produz da taxa de lucro) dos principais grupos capitalistas no Brasil , significou a articulação de uma nova estratégia ( ver artigo Pinto Et ali 2016).

O fim desse ciclo abriu espaço para um novo ciclo de políticas liberais ( “neo-neo-liberais”) caracterizado por contra-reformas liberais:

- No mercado de trabalho (flexibilização, precarização e perda de direitos) apresentado no Brasil pelo Governo de M. Temer como uma medida para ganhar competitividade;
- Na aposentadoria (aumento do tempo de contribuição, redução do valor dos benefícios, maior dificuldade para receber o valor integral, apoio ao desenvolvimento da financeirização através da aposentaria complementar, aumento da desigualdade entre homens e mulheres);
- Medidas de austeridade: superávit primário, contração dos gastos públicos, privatização da infraestrutura, modificação da Lei de repartição do petróleo e reforma constitucional como no caso do Brasil (PEC55) reduzindo para os próximos vinte anos (até 2036) as despesas públicas (educação, saúde, previdência).

**Cuadro 1**  
América Latina y el Caribe, países en desarrollo de Asia y China: participación en las exportaciones mundiales de bienes y servicios, 2000 y 2015  
(En porcentajes)

	América Latina y el Caribe		Países en desarrollo de Asia		China	
	2000	2015	2000	2015	2000	2015
Total bienes	5,7	5,5	20	25	4	11
Bienes de alta tecnología	8	5	30	50	7	33
Total servicios	4,1	3,4	14	23	0,7	6
Servicios modernos <sup>a</sup>	2,4	1,9	6,4	15,9	1,5	6,3

Fuente: Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), sobre la base de información de la Base de Datos Estadísticos de las Naciones Unidas sobre el Comercio de Productos Básicos (COMTRADE).

<sup>a</sup> Los servicios modernos corresponden a la categoría "otros servicios" de la balanza de pagos.

Na Argentina, o Governo de M. Macri está avançando na mesma direção de liberalização e flexibilização com os mesmos argumentos liberais (muitas vezes já utilizados nos anos 1990 pelo Presidente Carlos Menem em um contexto completamente diferente).

No México, a dependência dos EUA no marco do NAFTA afetou muito a economia mexicana e os índices de violência e de pobreza nos lembram das consequências de esse tipo de inserção na economia mundial desde 1994.

Em praticamente todos os países de América Latina, os índices de pobreza têm aumentado desde 2014/2015 (CEPAL, Panorama Social da América Latina, 2017).

Na próxima seção, analisaremos os debates relativos à inserção na economia mundial de América Latina nesse contexto de crise mundial.

## **2.2 Integração e inserção na economia mundializada: mais uma rodada de liberalização para mais dependência?**

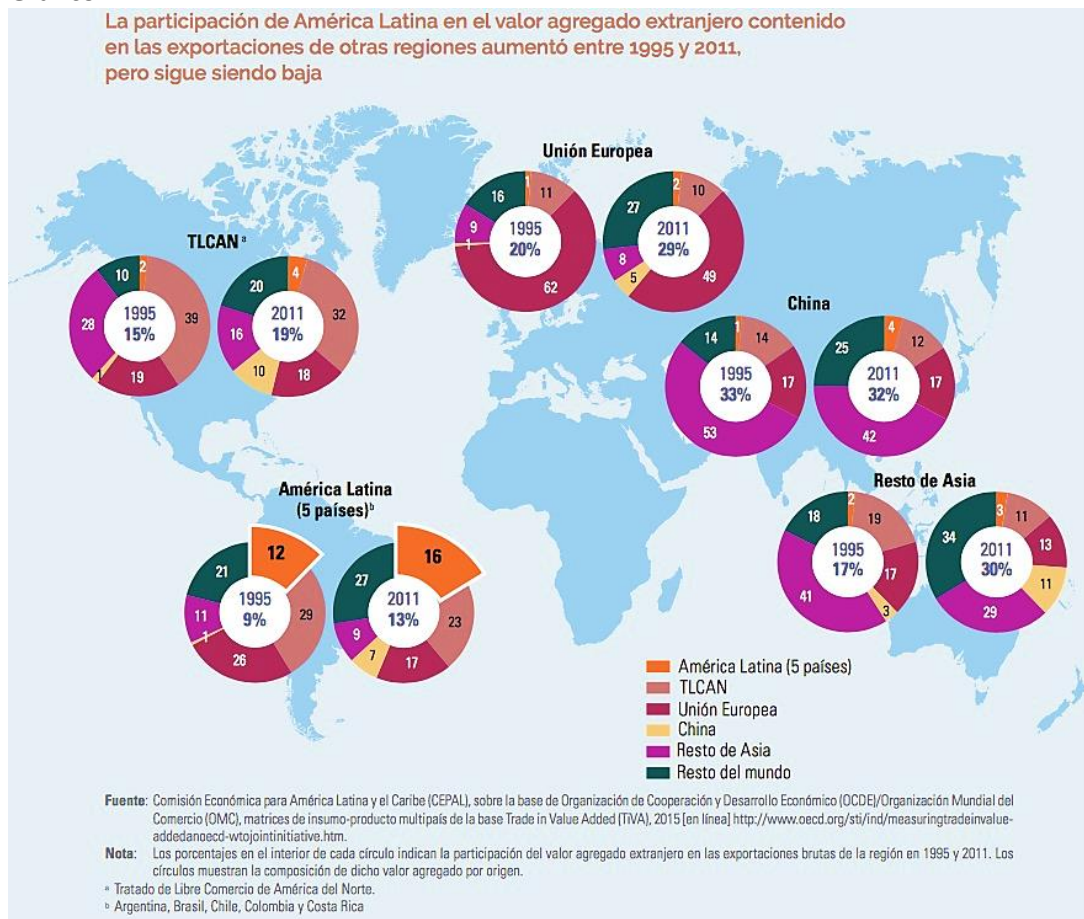
A participação de América Latina e Caribe nas exportações mundiais de bens e serviços na têm sido um franco sucesso se formos comparar com os países em desenvolvimento da Ásia e menos ainda comparando com China (ver quadro 1).

A evolução da participação de China tanto em exportações de bens (especialmente em bens de alta tecnologia passando de 7 a 33% das exportações mundiais entre 2000 e 2015) quanto em serviços (e especialmente serviços modernos) é impressionante. A estratégia clara e o elevado investimento em formação bruta de capital fixo explicam essa trajetória.

A participação de América Latina no valor agregado estrangeiro contido nas exportações de outras regiões aumentou entre 1995 e 2011 (de 9 a 13%) porém continua muito baixa se comparar com as outras regiões (ver gráfico 1). Se comparamos a integração de cada uma das regiões entre si, América Latina é pouca integrada: A participação da própria

América Latina nas exportações é muito mais baixa do que as outras regiões (a única região com menos de 20% sendo que todas as outras regiões atingem 30 a 50%).

**Gráfico 1**



América Latina parece bastante afastada da dinâmica imposta pelo capitalismo central e suas políticas. A recente iniciativa do TPP, mesmo com a retirada dos EUA da administração Trump, dificilmente será uma oportunidade para América Latina sem investimento pesado e uma estratégia clara e sustentável (ver o último capítulo do relatório da CEPAL, Panorama de la Inserción internacional de América Latina, 2017). As políticas de austeridade de vários dos governos de América Latina (Argentina, Brasil por exemplo) não deixam espaço para esse tipo de políticas de longo prazo.

A integração regional no marco dos projetos de blocos regionais (ver II.6 e II.25) também mostraram, nessa configuração marcada pelo regionalismo aberto liberal, seus limites já que no período de crise, a situação piora ainda mais no intercâmbio entre países dos



blocos: -15% no comércio entre países de América Latina e no Mercosul (-11% durante o primeiro período de 2016).

A rede de proteção regional promovida pelo regionalismo aberto não foi ativada e as negociações para assinar o acordo entre o Mercosul e a UE parecem novamente estancadas (principalmente por conta do tema agrícola e mais ainda após o escândalo da operação “Carne Fraca” no Brasil).

Cuadro II.6

América Latina y el Caribe (esquemas de integración y países no agrupados): variación de las exportaciones intrarregionales con respecto al mismo periodo del año anterior, enero-junio de 2016 (En porcentajes)

### En el primer semestre de 2016 se desploma el comercio entre los países sudamericanos

Agrupaciones y países	MERCOSUR	CAN	MCCA	CARICOM	Otros países de la región <sup>a</sup>	América Latina y el Caribe
Mercado Común del Sur (MERCOSUR)	-11,7	-6,3	-23,0	-36,8	-2,8	-10,3
Comunidad Andina (CAN)	-36,7	-19,1	-25,4	-21,8	-10,3	-24,5
Mercado Común Centroamericano (MCCA)	-42,9	-8,8	-1,3	5,6	-1,1	-3,3
Comunidad del Caribe (CARICOM)	-73,6	-37,4	11,5	-7,8	-37,8	-37,4
Chile	-15,0	-5,3	2,8	-31,0	-7,0	-9,4
México	-36,3	-15,3	-5,6	-1,5	4,5	-17,3
Otros países de la región <sup>a</sup>	-26,6	-5,1	-4,9	-24,3	-11,8	-21,7
<b>América Latina y el Caribe</b>	<b>-21,3</b>	<b>-12,7</b>	<b>-9,0</b>	<b>-18,1</b>	<b>-6,0</b>	<b>-15,2</b>

Fuente: Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), sobre la base de información oficial de los bancos centrales, las oficinas de aduanas y los institutos nacionales de estadística de los países.

<sup>a</sup> Incluye a Chile, México, Cuba y la República Dominicana.

Gráfico II.25  
América Latina y el Caribe: variación anual del valor de las exportaciones intrarregionales y extrarregionales, 2007-2016<sup>a</sup> (En porcentajes)

### El comercio intrarregional continúa cayendo mucho más que el extrarregional



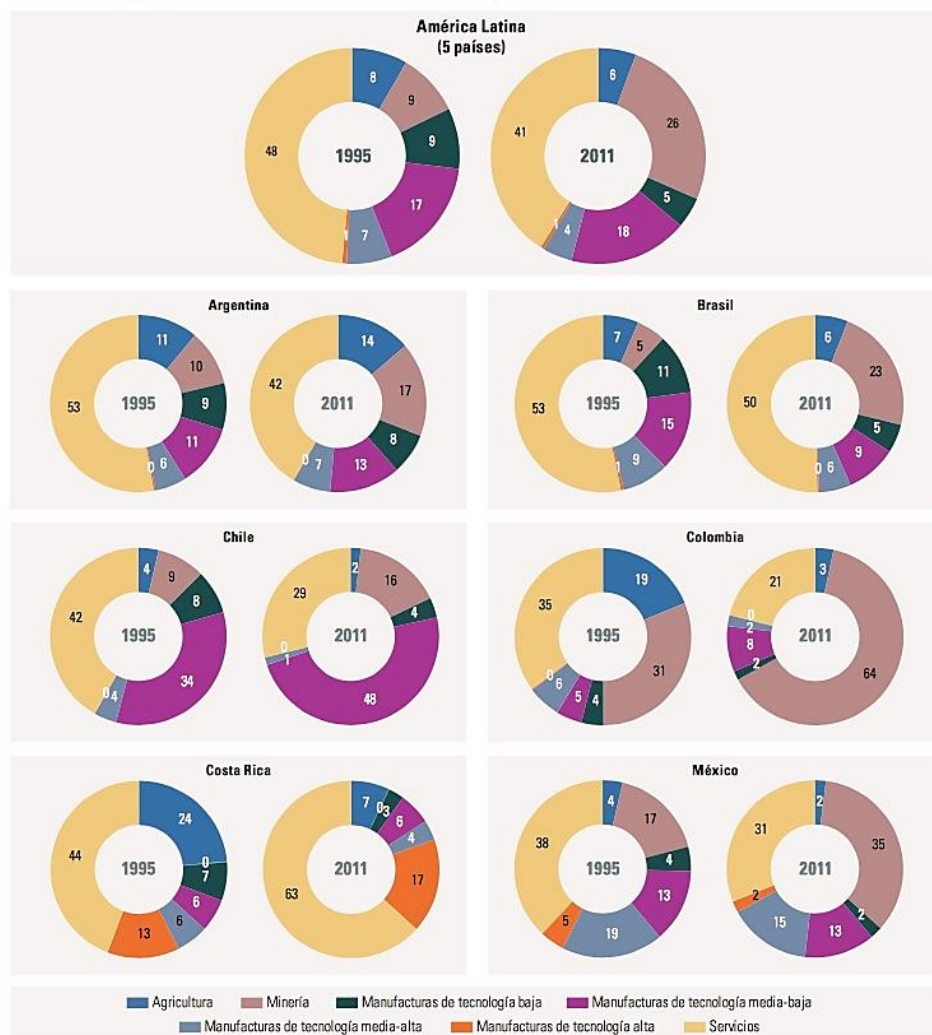
Fuente: Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), sobre la base de información oficial de los bancos centrales, las oficinas de aduanas y los institutos nacionales de estadística de los países.

<sup>a</sup> Las cifras de 2016 corresponden a proyecciones.

Junto com a reprimarização das economias das principais economias de América Latina (ver gráfico II.4), se configurou uma dependência à China ( ver gráfico I.19; Casanova 2014 para um índice de dependência; Saludjian e Carcanholo, 2013).

Gráfico II.4  
América Latina (5 países): estructura del valor agregado nacional contenido en las exportaciones de terceros países, por sector de origen, 1995 y 2011 (En porcentajes)

Los bienes primarios y las manufacturas de baja tecnología ganan participación en el valor agregado de América Latina en las exportaciones de terceros países

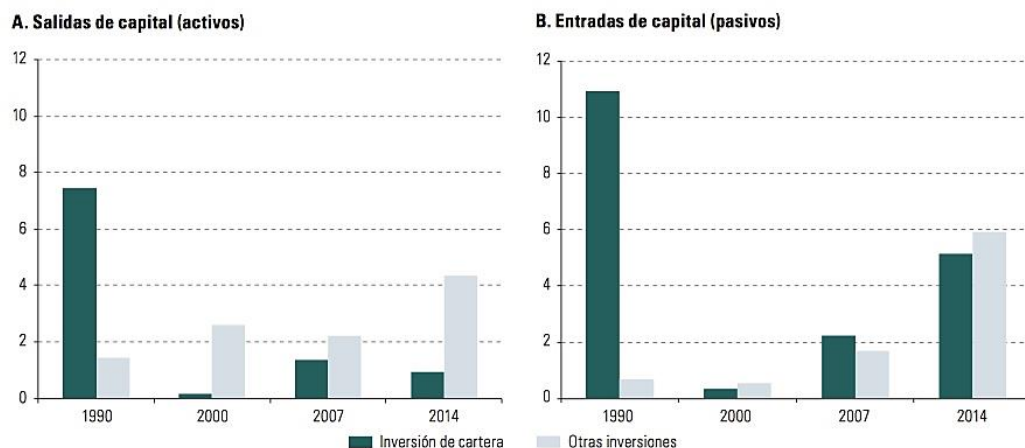


Fuente: Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), sobre la base de Organización de Cooperación y Desarrollo Económico (OCDE)/Organización Mundial del Comercio (OMC), matrices de insumo-producto multipaíses de la base Trade in Value Added (TiVA), 2015 [en línea] <http://www.oecd.org/sti/ind/measuringtradeinvalue-addedanoecd-wtojointinitiative.htm>.

O caráter financeirizado das economias da região e as elevadas taxa de juro como no caso do Brasil, explicam porque, apesar da profundidade da crise, as entradas de capital especulativo e outras investimento de carteira se mantiveram e até aumentaram substancialmente após a crise de 2007/2008 (ver gráfico II.12).

Gráfico II.12  
América Latina y el Caribe: participación en los flujos financieros mundiales, 1990-2014  
(En porcentajes)

### La región no registró caídas en las entradas de capital tras la crisis financiera



**Fuente:** Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL) sobre la base de estadísticas de la balanza de pagos del Fondo Monetario Internacional (FMI).  
**Nota:** Inversión de cartera se refiere a la adquisición de títulos de participación en el capital y títulos de deuda entre residentes y no residentes. Otras inversiones es una categoría residual que incluye principalmente las operaciones de préstamo y depósito bancario.

É importante ressaltar que essas estratégias de inserção internacional não se dão numa dinâmica alternativa ao desenvolvimento capitalismo muito pelo contrário. Desglobalização e aumento do proteccionismo não significa menos capitalismo.

Tendo em conta os elementos rapidamente apresentados nessa segunda parte, podemos duvidar de que as estratégias de desenvolvimento promovidas pelos governos da região possam, com as políticas de austeridade, garantir um desempenho econômico e social satisfatório no contexto da desglobalização, do proteccionismo dos países mais avançados e da estratégia chinesa.

## Elementos de Conclusão

O conjunto dos elementos apresentados nesse artigo apontam para uma dependência renovada se considerarmos a pouca capacidade de se inserir na economia mundial de maneira autônoma e garantindo uma maior homogeneidade social para a população da região.

No contexto da desglobalização da economia mundial, do “Novo Normal” antes da crise ligada ao COVID19, das políticas de austeridade nos países capitalistas desenvolvidos e também nos países dependentes, as estratégias de desenvolvimento dos principais países de América Latina (Argentina, Brasil, México) visam a mais liberalização acreditando e advogando por mais livre-comércio e mais abertura econômica seguindo nesse ponto a defesa da China e da sua iniciativa *Belt and Road Initiative* e do Tratado Trans- Pacífico. Porém essa estratégia pro- livre-comércio parece reforçar o caráter dependente do capitalismo latino- americano num contexto em que os países mais avançados promovem , pelo contrário, mais protecionismo ( Estados Unidos, Reino Unido depois do Brexit) . Essa estratégia “neo-neo-liberal” dos países de América Latina não parece ter um futuro promissor e progressista sobre as condições de vida das suas populações. No contexto ligado à pandemia do COVID19, essa inserção dependente se torna mais problemática ainda.

Assim, nos parece essencial reafirmar a necessidade de continuar pesquisando a problemática da dependência (econômica, política e ideológica) dos países latino-americanos nessa configuração do capitalismo mundial. Por ser, em essência, um estudo do capitalismo mundial, por refletir a dependência e dominação sem promover uma pretensa convergência entre países capitalistas mais e menos desenvolvidos no longo prazo, a teoria marxista da dependência permite analisar a acumulação nas suas múltiplas determinações sabendo diferenciar na análise os diferentes níveis de abstração. Com a crise e mais ainda com as consequências da pandemia do COVID19, a visão da inserção na economia mundial associada ao desenvolvimento dos países latino americanos revela ainda o caráter dependente dessas economias.

## Principais referências

CARCANHOLO M. (2017) Dependencia, superexplotación del trabajo y crisis. Una interpretación desde Marx , Ed. Maia.

CASANOVA C., le Xia e Romina Ferreira, 2015, Measuring Latin America's export dependency on China, Research paper 15/26, BBVA.

CEPAL, 2017, Panorama de la Inserción Internacional de América Latina , Santiago de Chili.

DURAND, Cédric (Org.). 2013. En Finir avec l'Europe. Paris: Ed. La Fabrique.

ELIAS A. ( org.) 2006, Los gobiernos progresistas en debate, Buenos Aires: CLACSO. <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/coediciones/20100824124133/gprogre.pdf>

HARVEY, David – Para entender O Capital: Livro II e III; São Paulo: Boitempo, 2014, 385p.

KUCZYNSKI P.P., Williamson J. (2003) After the Washington Consensus: Restarting Growth and Reform in Latin America, Washington, DC: Institute for International Studies.

MONTORO X. 2014, El Euro, Caballo del Troya del FMI em Europa, Argumentum, Vitória (ES), v. 5, n. 2, p.38-43, jul./dez. 2013.

OSORIO, J. (2012). Padrão de reprodução do capital: uma proposta teórica, Boitempo, Sao Paulo.

PAINCEIRA, J. P. ;SALUDJIAN, A.; MIRANDA, F. ; ARAUJO, P. H. F. . Credit and banking system in Marx: critical notes on the Harvey's approach. In: IIPPE 2016, 2016, Lisboa. IIPPE - Lisboa 2016, 2016.

PINTO E. e ali, 2016, A economia política dos governos Dilma: acumulação, bloco no poder e crise. TD IE/UFRJ.

[http://www.ie.ufrj.br/images/pesquisa/publicacoes/discussao/2016/TD\\_IE\\_004\\_2016\\_COSTA\\_PINTO\\_et\\_al.pdf](http://www.ie.ufrj.br/images/pesquisa/publicacoes/discussao/2016/TD_IE_004_2016_COSTA_PINTO_et_al.pdf)

SALAMA P., 2016, “ La tormenta en América latina. Hacia dónde van las economías de la región?, Ed. Universidad de Guadalajara, 2016.

SALUDJIAN, A.; MIRANDA, F. ; CARCANHOLO, M. D. . Marx, marxismo e mercado mundial: lei do valor, método e historicidade. In: XXVIII Simpósio Nacional de História: Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios, 2015, Florianópolis. XXVIII Simpósio Nacional de História: Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios, 2015.

SALUDJIAN A. e M. CARCANHOLO, 2013, Integración latino-americana, dependencia de China y sub-imperialismo brasileño en América latina.. Mundo Siglo XXI - Revista del Centro de Investigaciones Económicas, Administrativas y Sociales del Instituto Politécnico Nacional, v. 29, p. 43-62, 2013.  
<http://www.mundosigloxxi.ciecas.ipn.mx/pdf/v08/29/03.pdf>

THE ECONOMIST, 2017, Building bridges; Latin America’s new trade agenda, The Inteligente Unit.